



GRANDEZA DO SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA

Santo Afonso Maria de Ligório, Doutor da Santa Igreja Católica

1) Na Santa Missa é Jesus Cristo a vítima

O Concílio de Trento diz da santa missa (Ceci. 22): Devemos reconhecer que nenhum outro ato pode ser praticado pelos fiéis que seja tão santo como a celebração deste tremendo mistério. O próprio Deus todo-poderoso não pode fazer que exista uma ação mais sublime e santa do que o sacrifício da missa. Este sacrifício de nossos altares sobrepassa imensamente todos os sacrifícios do Antigo Testamento, pois que não são mais bois e cordeiros que são sacrificados, mas é o próprio Filho de Deus que se oferece em sacrifício. "O judeu tinha o animal para o sacrifício, o cristão tem Cristo, escreve o venerável Pedro de Clugny; seu sacrifício é, pois, tanto mais precioso, quanto mais acima de todos os sacrifícios dos judeus está o de Jesus Cristo". E acrescenta que, para os



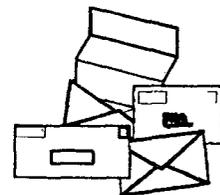
sacrifício sublime, é oferecido ao Pai celeste (De sac., 1.6). Que cristão poderá duvidar, escreve S.Gregório (Dial. 4, c.58), que os céus se abram à voz do sacerdote, durante esse santo sacrifício, e que

(Pág. 5)

servos (isto é, para os judeus, no Antigo Testamento), não convinham outros animais seriam aqueles que eram destinados ao serviço do homem; para os amigos e filhos foi Jesus Cristo reservado "como cordeiro que nos livra do pecado e da morte eterna" (Ep. Cont. Petrobr.). Tem, portanto, razão S.Lourenço Justiniano, dizendo que não há sacrifício maior, mais portentoso e mais agradável a Deus do que o santo sacrifício da missa (Sermo de Euch.).

S.João Crisóstomo diz que durante a santa missa o altar está circundado de anjos que aí se reúnem para adorar a Jesus Cristo que, nesse

Escrevem os Leitores



No momento em que ganham corpo as heresias, "O DESBRAVADOR", eu sinto, é uma arma poderosa na defesa das Verdades Católicas.

Aí vai minha modesta contribuição.

Prof^o Henrique Vailati Filho – São Paulo-SP

Fiquei maravilhada com cada página, nunca havia lido uma revista Católica com conteúdo tão maciço, forte.

Silvana Aparecida Barbosa – São Paulo-SP

Amigos, senão irmãos distantes dessa Revista. Em tempos em que não se acredita mais em nada ou ninguém, por causa da impiedade, da má-fé e do orgulho que move muitos de nós, a leitura de "O DESBRAVADOR" me faz retomar o caminho sobrenatural da vida.

Sandra de Pádua Ercílio – Jandira-SP

A leitura muito me agrada, é uma revista maravilhosa.

Daniilo – São Paulo-SP

Prezados senhores, fiquei muito feliz ao sair da Igreja e receber o jornal "O DESBRAVADOR" e mais feliz ainda ao saber que esse maravilhoso jornal pode ser entregue em meu endereço gratuitamente. Obrigado.

Mauro Jorge da Silva – São Paulo- SP

Fiquei interessado em receber "O DESBRAVADOR". Assim como consta na revista, estou mandando meu endereço.

Jorgiano da Silva Barbosa – Fortaleza-CE

Gostaria de solicitar o recebimento do boletim de vocês, que tanto me é edificante.

Patrícia Maria – São Paulo-SP

Acabo de me mudar e gostaria, por gentileza, de continuar a receber esta beleza de revista, "O DESBRAVADOR".

Bruno Bertolli – Presidente Prudente-SP

Salve Maria!

Estas publicações são um verdadeiro tesouro!

Ana Carolina Rodrigues – Carapicuíba-SP

Salve Maria!

Gostaria de receber "O DESBRAVADOR". É um excelente informativo Católico. Se todos os Católicos lessem uma revista ou jornal com Verdades e realidades tão atuais como "O DESBRAVADOR", certamente a mentalidade Cristã seria outra.

Hypólito P. Magalhães Neto – Cardoso Moreira-RJ



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO
"SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

GERALDO JOSÉ DE MATOS

JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA

REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS

RONILSON VERÍSSIMO

NILTON RODRIGUES DOS SANTOS

LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA

FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÔES DE MATOS

MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO

SHEFFERSON SANDER FERREIRA

MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

CLARA REGINA B. DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO

FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE

MATOS

GERSON FERNANDES DOS SANTOS

ROGÉRIO VERÍSSIMO

MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

GRUPO DE APOIO

JOÃO PEDRO BRANCO DE MATOS

EMANOEL ROBSON WENDT

ARTUR DE OLIVEIRA PASSOS

RENATO BARBOSA DOS SANTOS

FABIANO ALVES DE OLIVEIRA

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 1525

01059 - 970 SÃO PAULO SP

e-mail – odesbravador@uol.com.br

Editorial

Já dizia Santo Agostinho que existem duas cidades: a Cidade de Deus e a Cidade dos homens.

Elas não se separam por fronteiras mas por dois amores. A Cidade de Deus é habitada por aqueles que amam a Deus de tal maneira que chegam a se esquecer de si; e a Cidade dos homens é formada por aqueles que amam a si de tal maneira que chegam a se esquecer de Deus.

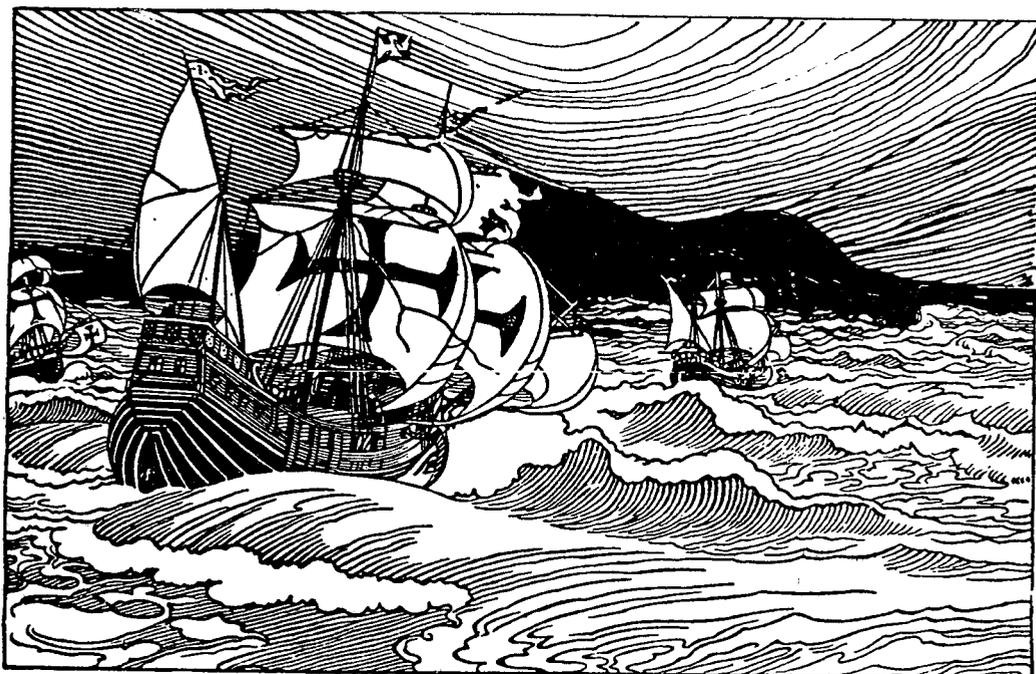
Infelizmente hoje em dia, nos mais diversos campos, seja na sociedade civil, seja nas famílias, seja em meios que se denominam católicos, quase que só existem habitantes da cidade dos homens, ou seja, pessoas que amam a si de tal maneira que chegam a se esquecer de Deus. Em outras palavras egoístas, que colocam seus interesses, seus planos, suas coisas, suas vidinhas em primeiro plano e não olham para a glória de Deus.

Com isso, o bem da Santa Igreja Católica, a salvação das almas e o próprio Deus são esquecidos. Com isso, o resultado é o que se vê no mundo atual até em ambientes católicos.

Pelo que lutamos? Para que haja almas, muitas almas que habitem a Cidade de Deus, isto é que amem a Deus, de tal maneira, com tal intensidade, que se esqueçam de si, de seus interesses, de suas carreiras, de seus projetos, para pensar só em Deus, para amar só a Deus, para tudo sacrificar pela glória de Deus.

De quem esperamos isso? De você amigo leitor, de você cara leitora. Sim, o mundo está terrível, mas enfrentá-lo é sublime e essa luta é gloriosa de se travar.

A quem pedimos que haja tais almas? À Rainha de todos os santos, Nossa Senhora, Rainha dos corações, e se você pedir a Ela, para ser assim, Ela lhe concederá as graças para tal.



- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 - 01059-970 - São Paulo SP) ou por e-mail: odesbravador@uol.com.br e gratuitamente receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.

"A ÚNICA COISA NECESSÁRIA É AMAR A DEUS E CUMPRIR COM SUA SANTA VONTADE"
(Santo Afonso Maria de Ligório)

Alguém que se guiasse por metas aparências, diria que o grupo de rapazes, acima, espelha muita alegria, que são jovens de bem, que desejam apenas aproveitar a mocidade, que são plenamente felizes etc, etc... Mas uma observação mais detalhada da turma e de cada um deles, nos conduz a conclusões bem diversas. Assim, à primeira vista, se vê como é forçado o sorriso deles. Como querem eles aparentar uma felicidade que na realidade não desfrutam?

De outra parte, suas aparências são simplesmente grotescas: cabelos desalinhados, barbas por fazer, tatuagens, desarrumação geral, que mostram pelo exterior, o que está contido no seu interior. Não nos esqueçamos que o rosto é o espelho da alma e ninguém nos diga que os jovens, em questão, aparentam uma vida virtuosa. Os aspectos debochados, a demonstração de folia, a afirmação de uma vida na qual importa apenas o momento presente, tudo enfim, neles demonstra uma existência voltada para as coisas deste mundo e, por sinal, as mais desabonadoras. Nada neles demonstra que eles se voltem para Deus e, sendo assim, são vazias as suas vidas.

Pois, onde Deus não está, não pode haver felicidade, somente pode acontecer uma alegria falsa e passageira, nunca uma vida nobre, nunca corações satisfeitos, nunca um ser humano realizado.

Na verdade, o que os jovens acima demonstram, é uma falsa filosofia de vida, uma ideia segundo a qual a juventude foi feita para o prazer.

Mas, todos nós, sabemos até por experiência própria que não é esse o fim da juventude, ela não é feita para o prazer e sim para o heroísmo, e que maior heroísmo poderá haver, nos dias de hoje, do que aquele de amar a Deus e servi-lo, neste mundo sem Fé, sem honra e sem dignidade?

Somente quem teve a oportunidade de amar verdadeiramente a Deus, pode dizer que conheceu uma parcela de felicidade e poderá responder que, aquilo que a gravura demonstra, não é de modo nenhum felicidade.

ISTO É FELICIDADE?



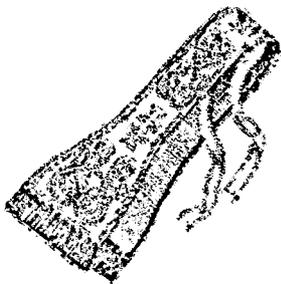
coros de anjos assistam a esse sublime mistério de Jesus Cristo. S Agostinho chega até a dizer que os anjos se colocam ao lado do sacerdote para servi-lo como ajudantes.

2) Na Santa Missa é Jesus Cristo o oferente principal

O Concílio de Trento (Ceci. 22, c.2) ensina-nos também que neste sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo é o próprio Salvador que oferece em primeiro lugar esse sacrifício, mas que o faz pelas mãos do sacerdote que ele escolheu para seu ministro e representante. Já antes dissera S.Cipriano: "O sacerdote exerce realmente o ofício de Jesus Cristo" (Ep. 62). Por isso o sacerdote diz, na elevação: "Isto é o meu corpo; este é o cálice de meu sangue".

Belarmino (De Euch. 1.6, c.4) escreve que o santo sacrifício da missa é oferecido por Jesus Cristo, pela Igreja e pelo sacerdote; não, porém, do mesmo modo por todos: Jesus Cristo oferece como o sacerdote principal, ou como o oferente próprio, contudo, por intermédio de um homem, que é, no mesmo tempo sacerdote e ministro de Cristo; a Igreja não oferece como sacerdotisa, por meio de seu ministro, mas como povo, por intermédio do sacerdote; o sacerdote, finalmente, oferece como ministro de Jesus Cristo e como mediano de todo o povo.

Jesus Cristo, contudo, é sempre o sacerdote principal na santa missa, onde ele se oferece continuamente e sob as espécies de pão e de vinho por intermédio dos sacerdotes, seus ministros, que representam a pessoa de Jesus Cristo, quando celebram os santos mistérios. Por isso diz o quarto Concílio de Latrão (Cap. Firmatur, de sum. Trinit.) que Jesus Cristo é ao mesmo tempo o sacerdote e o sacrifício. De fato, convém à dignidade deste sacrifício que ele não seja oferecido, em primeiro lugar, por homens pecadores, mas por um sumo sacerdote que não esteja sujeito ao pecado, mas que seja santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e mais elevado que os céus (Heb 7, 26).



3) A Santa Missa é a renovação do sacrifício da Cruz

Segundo S.Tomás (Off. Ss. Sac., 1.4), o Salvador nos deixou o SS.Sacramento para conservar viva entre nós a lembrança dos bens que nos adquiriu e do amor que nos testemunhou com sua morte. Por isso o mesmo Doutor chama a Sagrada Eucaristia "um manancial perene da paixão".

Ao assistires, pois, à santa missa, pondera que a hóstia que o sacerdote oferece é o próprio Salvador que por ti sacrificou seu sangue e sua vida. Entretanto, a santa missa não é somente uma representação do sacrifício da cruz, mas também uma renovação do mesmo, porque em ambos é o mesmo sacerdote e a mesma vítima, a saber, o Filho de Deus Humanado. Só no modo de oferecer há uma diferença: o sacrifício da cruz foi oferecido com derramamento de sangue; o sacrifício da missa é incruento; na cruz, Jesus morreu realmente; aqui, morre só misticamente (Conc. Trid., Sess. 22, c.2).

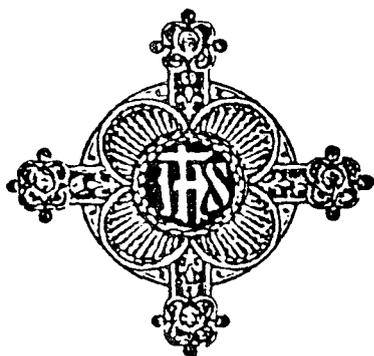
Representa-te, durante a santa missa, te achares no monte Calvário, para ofereceres a Deus o sangue e a vida de seu adorável Filho, e, ao receberes a santa comunhão, representa-te beberes seu precioso sangue das chagas do Salvador. Pondera também que em cada missa se renova a obra da redenção, de maneira que, se Jesus Cristo não tivesse morrido na cruz, o mundo receberia, com a celebração de uma só missa, os mesmos benefícios que a morte do Salvador lhe trouxe. Cada missa que é celebrada encerra em si todos os grandes bens que a morte na cruz nos trouxe, diz S.Tomás (In Jo 6, lect. 6). Pelo sacrifício do altar nos é aplicado o sacrifício da cruz. A paixão de Jesus Cristo nos habilitou à redenção; a santa missa nos faz entrar na posse dela e comunica-nos os merecimentos de Jesus Cristo.

4) A Santa Missa é o maior presente de Deus

Na santa missa Jesus Cristo mesmo dá-se a nós. É uma verdade de Fé que o Verbo Encarnado se obrigou a obedecer ao sacerdote, quando ele pronuncia as palavras da consagração e a vir às suas mãos sob as espécies de pão e de vinho. Fica-se estupefato por Deus ter obedecido outrora a Josué e mandado ao sol que parasse, quando ele disse: "sol, não te movas de Gabaon, e tu, ó lua, do vale de Ajalon" (Jos 10, 12). Entretanto, muito mais admirável é que Deus mesmo desce ao altar ou a qualquer outro lugar a que o Padre o chama com umas poucas palavras, e isso tantas vezes quantas é chamado pelo sacerdote, mesmo que este seja seu inimigo. E, tendo vindo, se põe o Senhor à inteira disposição do sacerdote; este o leva, à vontade, de um lugar para o outro, coloca-o sobre o altar, fecha-o no tabernaculo,

tira-o da igreja, toma-o na santa comunhão, e o dá em alimento a outros. S.Boaventura diz que o Senhor, em cada missa, faz ao mundo um benefício igual àquele que lhe fez outrora pela encarnação (De inst. Novit., p.1, c.1). Se Jesus Cristo não tivesse vindo ao mundo, o sacerdote, pronunciando as palavras da consagração, o introduziria nele. "Ó dignidade sublime a do sacerdote, exclama por isso S.Agostinho (Mol. Instr. Sach., t.1, c.5), em cujas mãos o Filho de Deus se reveste de carne, como no seio da Virgem Mãe".

Numa palavra, a santa missa, conforme a predição do profeta (Zac 9,17), é a coisa mais preciosa e bela que possui a Igreja: "Qual é o seu bem e qual a sua formosura, senão o pão dos escolhidos e o vinho que gera virgens". S.Bartolomeu (De inst. Nov., 1.c) diz que a santa missa nos põe diante dos olhos todo o amor que Deus nos dedicou e que é, de certo modo, um compêndio de todos os benefícios que ele nos fez. Por isso o demônio se esforçou sempre para retirar do mundo a santa missa por meio dos hereges; estes se mostram assim como precursores do anticristo, que procurará, antes de tudo, impedir a celebração da santa missa, o que ele, de fato, conseguirá, conforme a profecia de Daniel (Dan 8, 12): "E lhe será dado o poder contra o sacrifício perene por causa dos pecados".



QUADRÚPLICE FIM DO SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA

1) A Santa Missa é um sacrifício latrêutico

No Antigo Testamento procuravam os homens honrar a Deus por toda a espécie de sacrifícios; no Novo Testamento, porém, presta-se maior a honra a Deus com um só sacrifício da missa do que com todos os sacrifícios do Antigo Testamento, que eram só figuras e sombras da sagrada Eucaristia. Pela santa missa se presta a Deus a honra que lhe é



devida, porque, por meio dela, recebe ele a mesma honra infinita, que Jesus Cristo lhe prestara sacrificando-se na cruz. Uma só missa presta a Deus maior honra que todas as orações e penitências dos santos, todos os trabalhos dos apóstolos, todos os sofrimentos dos mártires, todo o amor dos serafins e mesmo da Mãe de Deus, porque todas as honras dos homens são de natureza finita, enquanto a honra que Deus recebe pelo santo sacrifício da missa é infinita, visto que lhe é prestada por uma pessoa divina.

Devemos por isso reconhecer, com o santo Concílio de Trento, que a santa missa é a mais santa e divina de todas as obras (Sess. 22). Nosso Senhor morreu especialmente para esse fim, para poder criar sacerdotes do Novo Testamento. Não era necessário que o Salvador morresse para remir o mundo; uma só gota de seu sangue, uma lágrima, uma só oração teria bastado para operar a salvação de todos, porque, sendo essa oração de valor infinito, seria suficiente para remir não só o mundo, mas também mil mundos. Para criar, porém, um sacerdote devia Jesus Cristo morrer, pois, do contrário, donde se tiraria esse sacrifício que agora oferecem a Deus os sacerdotes do Novo Testamento, esse santo e imaculado sacrifício que, por si só, basta para dar a Deus a honra que lhe é devida? Ainda que se sacrificasse a vida de todos os anjos e santos, mesmo assim, esse sacrifício não prestaria a Deus essa honra infinita, que lhe dá uma única Santa Missa.

2) A Santa Missa é um sacrifício propiciatório

Que a santa missa é verdadeiramente um sacrifício propiciatório, que inclina Deus a nos perdoar não só a pena, como também a culpa dos pecados, pode-se deduzir já da instituição da sagrada

Eucaristia, que foi feita especialmente para a remissão dos pecados: "Este é o meu sangue, que será derramado por muitos, para a remissão dos pecados", disse Jesus Cristo (Mt 26, 28). A Santa Missa perdoa até os maiores pecados, não imediatamente, mas só mediatamente, como afirmam os teólogos, isto é, Deus, em consideração ao sacrifício do altar, concede a graça que leva o homem a detestar seus pecados e a purificar-se deles no sacramento da penitência. Quanto às penas temporais, que devem ser expiadas depois da destruição da culpa, são elas perdoadas por virtude da santa missa, ao menos parcialmente, quando não de todo. Numa palavra, a santa missa abre os tesouros da divina misericórdia em favor dos pecadores.



Desgraçados de nós se não houvesse esse grande sacrifício, que impede à justiça divina de nos enviar os castigos que merecemos por nossos pecados: É certo que todos os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam aplacar a ira de Deus contra os pecadores. Se se sacrificasse a vida de todos os homens e anjos, a justiça divina não seria satisfeita devidamente nem sequer por uma única falta que a criatura tivesse cometido contra seu Criador. Só Jesus Cristo podia satisfazer por nossos pecados: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 2, 2). Por isso o Padre Eterno enviou seu Filho ao mundo, para que se fizesse homem mortal e, pelo sacrifício de sua vida, O reconciliasse com os pecadores. Esse sacrifício é renovado em cada missa. Não há dúvida: o sangue inocente do Redentor clama muito mais fortemente por misericórdia em nosso favor, que o sangue de Abel por vingança contra Caim.

Mas também pelos defuntos pode ser oferecido este sacrifício. Por isso o sacerdote, na santa missa, pede ao Senhor que se recorde de seus servos que partiram para a outra vida e dormem o sono da paz e que lhes conceda, pelos merecimentos de Jesus Cristo, o lugar de repouso, da luz e da paz. Se o amor de Deus que possuem as almas ao saírem desta vida não basta para purificá-las, essa falta fica reparada pelo fogo do purgatório; muito melhor, porém, a repara o amor de Jesus Cristo por meio do sacrifício eucarístico, que traz às almas grande alívio e, muitas vezes, até a libertação completa de seus

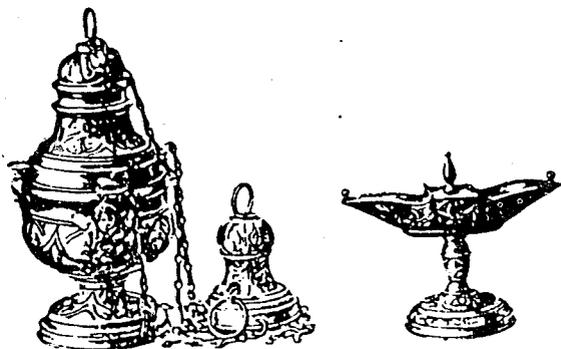
sofrimentos. O Concílio de Trento declara que as almas que sofrem no purgatório, pela intercessão dos fiéis, mas em especial pelo santo sacrifício da missa, podem ser muito auxiliadas. E acrescenta (Sess. 22, c.2) que isso é uma tradição apostólica. Santo Agostinho exorta-nos a oferecer o sacrifício da Santa Missa por todos os defuntos, caso que não possa aproveitar às almas pelas quais pedimos.



3) A Santa Missa é um sacrifício eucarístico

É justo e razoável que agradeçamos a Deus pelos benefícios que nos fez em sua infinita bondade. Mas que digno agradecimento podemos dar-lhe nós, miseráveis? Se Deus nos tivesse dado uma única vez um sinal de sua afeição, estaríamos obrigados a um agradecimento infinito, porque esse sinal de amor seria o favor e dom de um Deus infinito. Mas eis que o Senhor nos deu esse meio de cumprir com nossa obrigação e de agradecer-lhe na santa missa a Jesus Cristo. Dessa maneira dá-se a Deus o mais perfeito agradecimento e satisfação; pois, quando o sacerdote celebra a santa missa, dá-lhe um digno agradecimento por todas as graças, mesmo por aquelas que foram concedidas aos santos no céu; uma tal ação de graças, porém, não podem prestar a Deus todos os santos juntos, de maneira que também nesse respeito a dignidade sacerdotal sobrepuja todas as dignidades, não excetuadas as do céu.

A vítima que é oferecida ao Eterno Pai na santa missa é seu próprio Filho, em quem pôs toda a sua complacência. Por isso dirigia David suas visitas a este sacrifício, quando excogitava um meio de agradecer a Nosso Senhor pelas graças recebidas: "Que darei ao Senhor por tudo que ele me tem feito?" pergunta ele, e responde: "Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor" (Sl 115, 12). O próprio Jesus Cristo agradeceu a seu Pai celeste todos os benefícios que tinha feito aos homens, por meio deste sacrifício: "E, tomando o cálice, deu graças e disse: Tomai-o e distribuí-o entre vós" (Lc 22, 17).





4) A Santa Missa é um sacrifício impetratório

Se já temos a segura promessa de alcançar tudo que pedimos a Deus em nome de Jesus Cristo (Jô 16, 23), muito maior deve ser a nossa confiança se oferecemos a Deus seu próprio Filho. Este nosso amante Salvador roga por nós sem cessar lá no céu (Rom 8, 34), mas, de modo todo especial, durante a santa missa, onde se sacrifica a seu Eterno Pai, pelas mãos do sacerdote, para nos alcançar suas graças. Se soubéssemos que todos os santos e a Santíssima Virgem estão rezando por nós, com que confiança não esperaríamos de Deus os maiores favores e graças. Está, porém, fora de dúvida que um só rogo de Jesus Cristo pode infinitamente mais que todas as súplicas dos santos.

No Antigo Testamento era permitido unicamente ao sumo sacerdote, e isso uma só vez no ano, entrar no santo dos santos; hoje, porém, todos os sacerdotes podem sacrificar todos os dias ao Eterno Pai o cordeiro divino, para alcançar de Deus graças para si e para todo o povo.

O sacerdote sobe ao altar para ser o intercessor de todos os pecadores. "Ele exerce o ofício de um mediano, diz S. Lourenço Justiniano (Sermo de Euchar.), e por isso deve ser um intercessor para todos que pecam". "Dessa maneira, diz S. Crisóstomo, está o Padre no altar, no meio, entre Deus e o homem; oferece a Deus as súplicas dos homens e alcança-lhes as graças de que precisam" (Hom. 5 in Jo). Deus distribui a todo tempo, sempre que é rogado em nome de Jesus Cristo, suas graças, mas ele as distribui com mais largueza durante a santa missa, atendendo as súplicas do sacerdote, diz S. Crisóstomo; pois essas súplicas são então acompanhadas e secundadas pela oração de Jesus Cristo, que é o sacerdote principal, visto que é ele mesmo que se oferece neste sacrifício para nos alcançar graças de seu Eterno Pai.

Segundo o Concílio de Trento (Sess. 22, c.2), é especialmente durante a santa missa que o Senhor "está sentado naquele trono de graças", ao qual devemos nos chegar, diz o Apóstolo, "para

alcançarmos misericórdia e encontrarmos graças no momento oportuno" (Heb 4, 16). Até os anjos esperam o tempo da santa missa, diz S. Crisóstomo (Hom 13 De incomp. Dei nat.), para pedirem com mais resultado por nós, e ele acrescenta que dificilmente se alcançará aquilo que não se consegue durante a santa missa.

A Santíssima Virgem, depondo uma vez o Menino Jesus nos braços de S. Francisca Farnese, disse-lhe: Eis aqui o meu Filho; aprende a torná-lo favorável a ti, oferecendo-o muitas vezes a Deus. Dize, por isso, a Deus, quando vires presente no altar o divino Cordeiro: Ó Pai Eterno, ofereço-vos hoje todas as virtudes, todos os atos e todos os afetos de vosso mui amado Filho. Recebei-os por mim, e por seus merecimentos, que ele nos deu e, por isso, são meus, dai-me as graças que Jesus Cristo pedir por mim. Ofereço-vos esses merecimentos para vos agradecer por todas as misericórdias que tendes usado comigo e para satisfazer por meus pecados. Pelos merecimentos de Jesus Cristo espero alcançar de vós todas as graças, o perdão, a perseverança, o céu, mas especialmente o mais precioso de todos os dons, o vosso puro e santo amor.



"NÃO OFENDAM MAIS A DEUS, NOSSO SENHOR, QUE JÁ ESTÁ MUITO OFENDIDO"

(Nossa Senhora em Fátima)

A MÃE DO PADRE HERMANN

Tendo permanecido judia, apesar dos pedidos e instâncias reiteradas de seu filho, a mãe do padre Hermann morreu, ao menos aparentemente, numa obstinação completa.

Angustiado, o pobre padre foi um dia confiar sua aflição ao Santo Cura d'Ars. Foi ótimo o resultado! Pois o homem de Deus lhe assegurou logo e lhe disse que um dia, na festa da Imaculada Conceição, lhe seria entregue uma carta que lhe daria grandes consolações. Era mais do que se precisava para acalmar as inquietações do humilde religioso e enchê-lo de alegria.

Ora, seis anos mais tarde, no dia 8 de dezembro de 1861, um padre, da Companhia de Jesus, veio lhe entregar a carta anunciada por São Vianney. Tinha lhe sido enviada por uma santa religiosa, que morreu um pouco mais tarde em odor de santidade.

A leitura, deste precioso documento, fez saber ao padre Hermann que, foi no último segundo que a separava ainda da eternidade, que sua mãe se convertera e, que ela devia esta graça insigne, à comovente intervenção da Mãe de Deus! Foi sob o ditado de Jesus mesmo que esta alma privilegiada escreveu a relação deste favor extraordinário.



Respondendo desde logo à curiosidade de uma amiga de sua confidente a respeito da salvação eterna da mãe do padre Hermann, Jesus lhe disse:

"Por que Ana quer sempre sondar os segredos de Minha Justiça e procura penetrar mistérios que ela não pode compreender? Dizei-lhe que Eu não devo Minha graça a ninguém, que Eu a dou a quem Me apraz e que assim fazendo, não deixo de ser justo e de ser a mesma justiça. Mas, que ela saiba também que, antes de faltar às promessas que tenho feito à oração, Eu revolveria o céu e a terra, e que toda oração que tem por objeto a Minha Glória e a salvação das almas é sempre ouvida quando é revestida das qualidades necessárias?"

Em seguida, Jesus acrescentou: "E para dar uma prova desta verdade, quero te fazer conhecer o que se passou no momento da morte da mãe do padre Hermann".

Então o meu Jesus me esclareceu com um raio de Sua Divina Luz e me fez conhecer, ou antes me fez ver n'Ele o que eu quero tentar expor:

"No momento em que a mãe do Padre Hermann estava à ponto de dar o último suspiro, quando ela parecia sem conhecimento e quase sem

vida, Maria, nossa Boa Mãe, se apresentou diante de seu Divino Filho, e, prosternado-se a seus pés, lhe disse: "Graça, piedade, ó Meu Filho, para esta alma que vai perecer! Ainda um instante e ela estará perdida, perdida para a eternidade! Fazei, Eu Vos suplico, pela mãe de Meu servo Hermann, o que Vós querieis que ele fizesse pela Vossa se ela estivesse em seu lugar e Vós estivésseis no dele. A alma de sua mãe é o seu bem mais querido; mil vezes ele M'a consagrou; ele a confiou à ternura e à solicitude de Meu Coração. Poderia Eu tolerar que ela pereça? Não, esta alma é Minha propriedade. Eu a quero, Eu a reclamo como uma herança, como o preço de Vosso Sangue e de Minhas dores ao pé da cruz!"

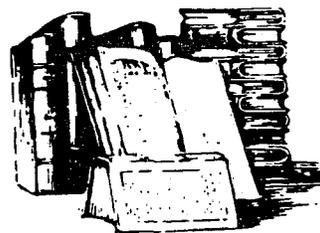
"Logo que a Divina Suplicante tinha cessado de falar, uma graça forte, poderosa, saiu da Fonte de todas as graças, do Coração Adorável de Nosso Salvador e veio iluminar a alma da pobre judia e triunfar instantaneamente de sua obstinação e de suas resistências. Esta alma se voltou imediatamente com uma amorosa confiança para Aquele, cuja Misericórdia a perseguia até entre os braços da morte, e Lhe disse: "Ó Jesus, Deus dos Cristãos, Deus que meu Filho adora, eu creio, eu espero em Vós, tende piedade de mim!"

"... Depois de me ter mostrado todas estas coisas, Nosso Senhor acrescentou: "Da a conhecer isto ao Padre Hermann. É uma consolação que Eu quero conceder a seus longos sofrimentos, afim de que ele abençoe e faça abençoar em toda a parte e a bondade do Coração de Minha Mãe e seu poder sobre o Meu.

(Padre Hermann Cohen foi um carmelita convertido do Judaísmo)

É necessário lembrar, terminando esta narração, que é um fato extraordinário o qual derroga a ordem comum da Providência de Deus: no curso ordinário das coisas Ele quer que só uma boa vida produza uma boa morte.

Por conseguinte os que contassem com esta exceção milagrosa às vias normais da Divina Providência, para viverem de modo pecaminoso, seriam loucamente temerários.



UM CONTO DE PÁSCOA

Este conto se passa na Semana Santa do ano de 1794, em pleno terror da Revolução Francesa.

Padres, nobres e tantos outros eram guilhotinados. Quarenta e oito por cento dos padres haviam jurado a Constituição Civil do Clero que era uma monstruosa lei revolucionária.

O conto tem como tema o drama de um jovem que quer lutar contra esse estado de coisas mas é tentado a esmorecer na luta e culdar de sua vidinha.

O aço duro da faca feriu a pederneira, fazendo saltar uma chuva de faíscas. O ruído seco parecia ecoar por toda a imensa nave da igreja, vazia e escura. Ainda uma vez e outra, o aço tornou a ferir, até que uma chama vacilante apareceu no topo da enorme vela de cera, afastando um pouquinho a escuridão, e refletindo-se no rosto pálido e assustado do menino, que cuidadosamente a colocou no chão, ao lado do enorme missal.

Procurando as páginas, e com alguma hesitação na pronúncia do latim, o menino começou a ler as primeiras páginas da Vigília Pascal: "Deus, qui per Filium Tuum..." "Ó Deus, (...) santificai esse fogo novo tirado da pedra (...)"

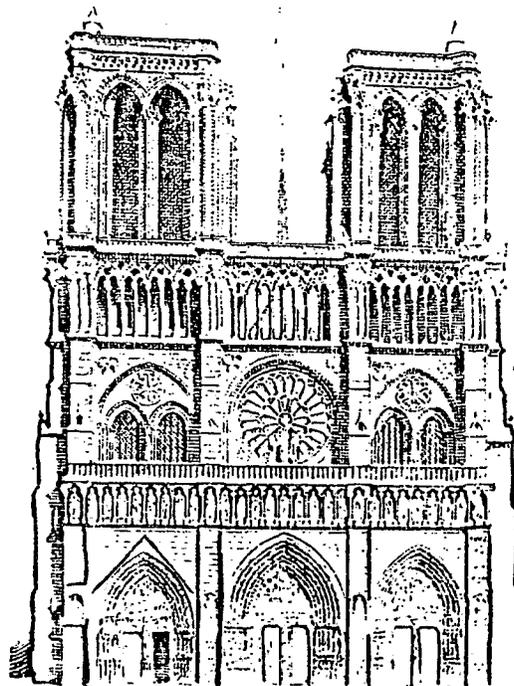
A chama desenhava sombras fantásticas nas colunas próximas. Mas a igreja era tão alta e tão longa, que nada se distinguia, nem das paredes, nem do teto. O menino, a vela e o missal pareciam estar dentro de um globo de luz imerso na escuridão.

Aquecendo a faca no lume e guiando-se pelo livro, a pequena mão hesitante, começou a gravar o corpo do imenso círio: primeiro, uma cruz; sobre essa, o Alfa, e abaixo dela, o Omega. O aço aquecido corria com facilidade através da cera. Finalmente, entre os quatro braços da cruz, surgiram os números do ano, profundos e bordejados de gotas de cera fundida: 1794. Era o ano do Terror. Era a vigília da Páscoa. E o menino pálido, o enorme missal aberto e o grande círio aceso se encontravam dentro de um globo de luz no interior imenso e cheio de trevas da Catedral de Notre Dame, de Paris.

Thierry Martin, tinha 15 anos de idade e havia nascido ali mesmo, na pequenina rua de "Chanoiesse", à sombra dessa imensa catedral que, depois de seus pais, foi a primeira coisa que ele aprendeu a amar. Foi em sua pia batismal que ele, ainda em seu primeiro dia sobre a terra, havia nascido para a vida da graça; era ao som grave e compassado, dos enormes sinos, que ali tocavam, que seus pais o haviam ensinado a regular a vida; era no interior reverente e cheio de mistério daquelas naves, que sua mãe o havia instruído no catecismo,

levando-o pela mão enquanto mostrava as histórias do bom São Martinho que dividia sua capa com os pobres; de Santa Genoveva, que várias vezes havia navegado ali mesmo no Sena, e cujas virtudes haviam salvo a cidade de Paris de homens maus, de São Miguel, o valente "cavaleiro de Deus", que derrotou o demônio orgulhoso e felão, ou então, as histórias da Santa Virgem, daquela "Dame" que ficava lá na frente, ao lado do altar, toda bela e toda pura, severa e alegre, afável e imperiosa, Rainha e Mãe, que ele amava acima de tudo e somente abaixo do Bom Deus.

Thierry vinha todos os dias rezar à hora das Ave-Marias, quando toda a igreja parecia tremer ao som dos sinos... Foi aos seus pés que sua mãe o conduziu no dia de sua Primeira Comunhão... Foi aquele olhar severo que lhe deu coragem quando ele, todo nervoso em sua roupa branca e vermelha, pela primeira vez serviu como "coroinha"...

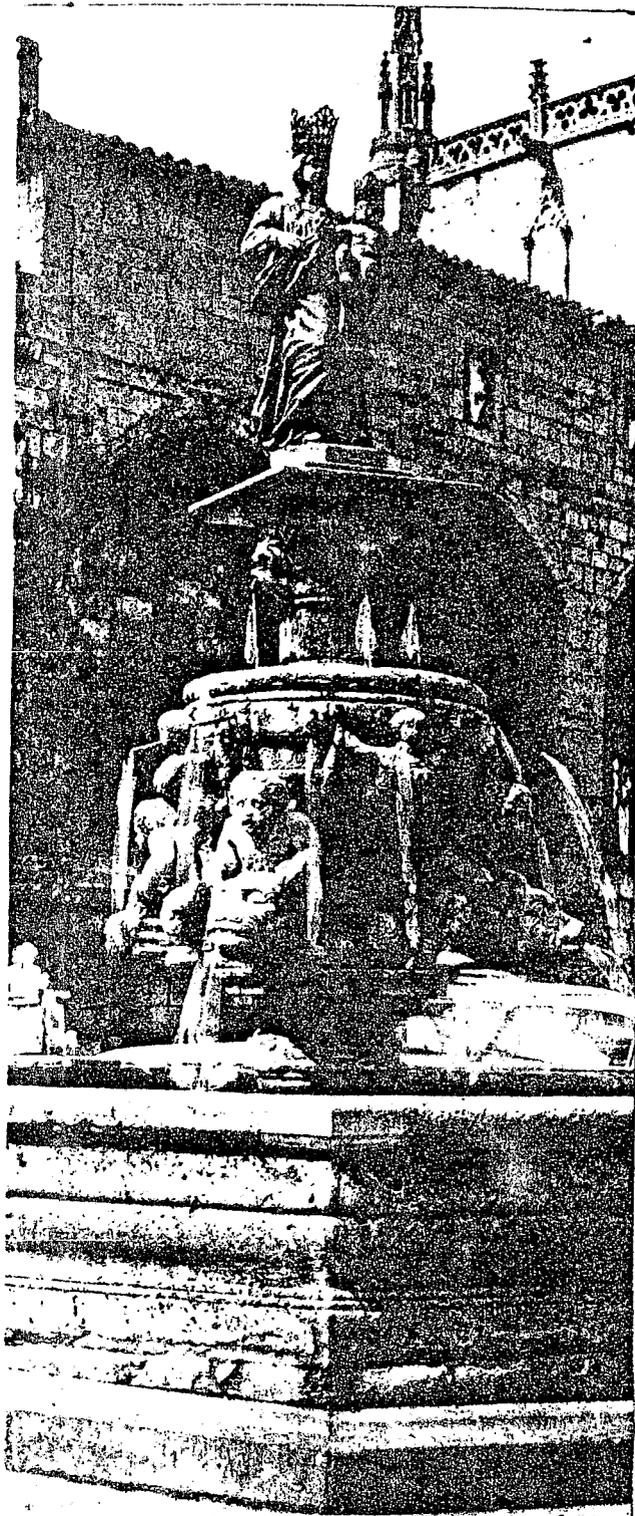


Depois havia começado essa espantosa Revolução. Quanta coisa triste havia acontecido naqueles últimos cinco anos! Homens maus andavam soltos pelas ruas, assaltando e matando; o rei e a rainha haviam sido guilhotinados; o pequeno Delfin estava preso; seu pai partira para a Vandéia para se aliar aos camponeses na luta contra a Revolução, e lá havia morrido. Sua casa havia sido confiscada, e o menino e sua mãe tiveram que fugir durante a noite, abandonando tudo para não serem presos também. Mas fugir para onde? Quem, nessa Paris aterrorizada pela sombra da guilhotina, ousaria dar abrigo a uma mulher declarada "suspeita"? Thierry sabia que não poderia contar com a bondade dos homens, e nem a procurou, pois tinha algo melhor. Quando a polícia revolucionária forçou a porta da frente da sua casa, fazendo-os fugir apressadamente pela porta dos fundos, ele sabia onde seria recebido, e, conduzindo sua mãe pelos becos da cidade, foi diretamente à Catedral, que ele se dirigiu.



Foi lá, naquelas criptas cheias de entranhas e sinuosidades que, poucas pessoas conheciam tão bem quanto Thierry, que ele e sua mãe passaram a viver. De quando em quando, o menino saía em busca de alimento e, ao voltar, trazia notícias cada vez mais terríveis: os revolucionários estavam retirando todos os sinos das igrejas, e derrubando suas torres. Faziam-se procissões debicando de Nosso Senhor, dos Anjos e dos Santos; e ali mesmo, naquela querida catedral, estavam quebrando, a golpes de martelo, todas as imagens e despojando todas as capelas! Por toda parte se blasfemava, e ninguém mais parecia defender ou amar ao Bom Deus!

A boa senhora começou a definhar. Ela, que com tanta coragem havia suportado a notícia da morte do esposo e que não hesitou em ficar na miséria para manter sua fé, acabou sucumbindo perante a única coisa que a podia abalar: o insulto a Deus. Não suportando o desgosto de ver a igreja invadida por um bando de sanguinários, não resistindo ao choque da imagem da Virgem ser substituída por uma mulher de rua; não agüentando a dor de constatar que nenhum sacerdote se levantava em defesa de Deus, foi aos poucos enfraquecendo e se consumindo, até que, na tarde da sexta-feira Santa, sentindo que suas forças se acabavam, chamou o seu filho, e lhe disse: "Meu bom Thierry, eu vou morrer. De agora em diante sua Mãe será apenas a Senhora da Catedral. E o meu desejo, e o Dela, é que, como o seu pai, vá para a Vandéia lutar.



Deus quer almas que O defendam, provando que O amam. Mas antes, Thierry, você deve fazer outra coisa. Essa igreja foi profanada pelos ímpios. É preciso que se faça uma reparação. É desejo de Sua Mãe, e é também o meu, que você passe uma noite rezando sobre essas pedras, que a impureza profanou. Faça isso, meu filho, e depois vá lutar, e vá

em paz." O menino a ouvia, ajoelhado e sustentando-a em seus braços. Terminando de falar, a boa senhora cobriu-se com o sinal da Cruz, e inclinando a cabeça, expirou.

Toda essa noite, Thierry passou em vigília ao lado do corpo da mãe. Na madrugada levou-a para um dos sepulcros vazios, que ali havia, e a depositou. Em seguida, afastou-se um pouco para descansar. Era preciso recuperar forças, pois outra Mãe reclamava suas orações e seus serviços.



O menino, ajoelhado na pedra, continuou a ler o grande missal que o círio iluminava:

"... Expulsa seja a maldade do demônio enganador..."

Antes os padres expulsavam os demônios, agora pareciam atraí-los em quantidade cada vez maiores. A fumaça do demônio parecia haver penetrado na igreja de Deus... Ninguém mais falava de inferno ou de castigo para os maus... Todos queriam parecer alegres e animados, no entanto, nunca houvera tanta tristeza e desânimo...

"... Solene procissão de entrada..."

O menino se lembrava das procissões. Como era magnífico quando a imagem da Bela Senhora saía pelas ruas de Paris, acompanhada do Arcebispo, dos Bispos, de todos os sacerdotes, e,

seguida por todas as congregações com seus uniformes e suas bandeiras! Como todos se sentiam contentes e cantavam alegres! Quanta festa então!

... Agora os padres haviam declarado que não eram mais necessárias as procissões, e que se podia muito bem rezar a Deus sem sair da igreja... Mas nem por dentro das igrejas se rezava mais...

"... Alegre-se a Igreja nossa Mãe, ornada do clarão de tantas luzes..."

A chama vacilou um pouco no topo do círio. A igreja estava em trevas, e não podia estar alegre. O menino chorava.

"... Esta é a noite que dissipou as trevas do pecado (...) A Santidade dessa noite afugenta os crimes e apaga as culpas (...)".

Lá fora se ouvia o tropel dos cavalos. Era a patrulha revolucionária que prendia os católicos que amanhã seriam guilhotinados. O menino pensava em seu pai.

"... Nesta noite de graça, recebi, pai Santo, esta chama ardente que, pelas mãos de Seus ministros, Vos apresentava a Santa Igreja..."

A mão dos ministros! Elas agora estavam unidas com as dos maus, promovendo toda sorte de reconciliações. Falava-se em "boa vontade" e em "diálogo" com todos os inimigos de Deus. Os únicos perseguidos eram aqueles que, como seu pai, queriam se manter fiéis à igreja e queriam resistir ao mal.

"... o diácono depõe os paramentos brancos, pega nos roxos, e vai se por ao lado do celebrante..."

Os sacerdotes não usavam mais nem paramentos e nem batina. Agora andavam, pelas ruas, com roupas mais ridículas, pavoneando-se, e querendo parecer aquilo que não eram. Queriam "ser como todo mundo", esquecendo-se de que Deus os havia feito bem diferentes, e que suas pessoas eram sagradas.

"... Terminadas as leituras, dois cantores entoam a Ladainha de Todos os Santos..."

O menino levantou os olhos para o lado do Altar-Mor, onde deveria estar a imagem da Virgem. Embora a escuridão não o deixasse ver nada, ele sabia que nada veria, mesmo que houvesse luz. Alguém A havia retirado, juntamente com todas as imagens que não foram destruídas. Os padres de agora não gostavam dos santos, uma vez que não os podiam imitar. Criticavam as imagens, chamando-as de "incentivos à superstição", e de "puerilidades de pessoas pouco esclarecidas". Thierry não sabia o que queriam dizer essas palavras difíceis, mas amava as imagens dos santos que tanto o haviam ajudado, e não entendia porque elas haviam sido retiradas. Aliás, Thierry não entendia muitas outras coisas. Aquela não parecia ser sua igreja, a igreja de Sua Santa Mãe. Thierry estava confuso com tudo aquilo, e foi nessa enorme confusão que ele virou outra página do enorme livro, e leu:

"Solene e Santíssima Missa Pascal".

O menino percebeu um calafrio percorrendo a sua espinha. Um vento gelado soprou dentro da enorme nave, apagando repentinamente a luz do círio. A igreja estava totalmente imersa nas trevas. A igreja estava na mais completa escuridão.

Missa: não existia mais missa! A cerimônia ridícula e caricata que se fazia então, não era a missa Católica Apostólica Romana, não era o Santo Sacrifício instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aquelas "reuniões fraternais" que mais se assemelhavam a assembléias protestantes, ou a comícios, ou a farsas, não mereciam o nome de missa, e sim o de profanação, insulto e blasfêmia!

A Igreja Constitucional, a "Nova Igreja" revolucionária havia permitido a mudança da missa por uma série de práticas profanas e sacrílegas. Tocavam-se tambores e outros instrumentos dentro das igrejas. A "Marselhesa" e até disparos de fuzil se faziam. Os padres falavam mais de política que de religião e, blasfemavam o nome de Jesus, chamando-O de "sans culottes".

Até quando, Senhor, suportareis esses insultos? Até quando tolerareis que Vossa Igreja seja assim humilhada? Por quanto tempo mais adiareis Vossa Justiça, Senhor? Por quanto tempo os maus ficarão rindo de vossos santos, escarnecendo de vossos fiéis? Por quanto tempo triunfará essa desavergonhada impiedade? Até quando a prostituição ficará ocupando o trono da Virgem? Por que Vos calais, Senhor? Por que permitis novamente que Vos crucifiquem e Vos matem e pareceis não querer ressuscitar?

O menino cismava, ajoelhado no meio das trevas. Voltado para o nicho onde antes havia A Senhora, e onde agora havia pedra profanada, o menino cismava e, em sua cisma, se dizia:

"Será que vale a pena ser fiel? Se eu imitar a fidelidade de minha mãe, não é bem provável que, a única consequência, seja eu morrer, como ela, sozinha e abandonada no fundo de um porão? E se eu seguir o heroísmo de meu pai, e for para Vandéia, de que adiantará? O que eu poderei fazer, por essa igreja, que não seja ridiculamente insignificante e ineficaz? Os padres, os Bispos, tudo que há na terra de grande e de sábio, afirmam que estou errado, e que minha igreja morreu"... Será que não é verdade? Será que eu não sou um pobre menino iludido e fazendo papel de bobo, querendo defender um ideal que não existe, e uma igreja que está morta? Já que parece evidente que tudo mudou, não será conveniente eu mudar também? Se tudo é diferente, para que insistir? Se, todos apostatarem, todos renegarem a fé, para que continuar? Se o ideal parece morto, para que lutar?

Nesse instante, algo sucedeu lá em cima, bem lá no alto, que chamou a atenção do menino. A princípio, apenas uma claridade muito difusa. Depois,

o contorno nítido e puro de um arco gótico apontando para o céu. Aos poucos, outros arcos foram se recortando nas trevas, foram clareando, foram se colorindo, foram se cintilando, até que por todos os lados o menino via cores, e via luz.

Lá estavam os padres com todos os paramentos! Lá estavam as belas procissões, lá estava São Martinho montado em seu cavalo, lá estava a boa Santa Genoveva a sorrir, lá estava São Miguel com sua espada de fogo! E lá na frente, solene, majestosa no meio da grande rosácea de entrada, lá estava a boa Senhora, com o Menino Jesus em seus braços!

Thierry olhava, mudo e extasiado. Então, por uma pequena fresta que havia em um dos vitrais, penetrou dentro da nave um único raio de luz.

Claro, sublime, eterno, brilhante como a virtude e reto como a verdade, aquele raio percorreu toda extensão da nave, até se transformar num pequeno círculo de luz no meio das páginas do grande livro que continuava aberto sobre as lajes do chão. E, dentro desse círculo, onde todas as cores se avivavam e todos os ouros resplandeciam, estavam as sacrossantas palavras do Evangelho da Páscoa:

"... logo ao alvorecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram visitar o sepulcro, (...). Um anjo do Senhor desceu do céu (...) tinha em seu rosto o brilho do relâmpago e em suas vestes a brancura da neve (...). Dirigindo-se o Anjo às mulheres, disse-lhe: "Não temais. Sei que buscai a Jesus, que foi crucificado. Já não está aqui. Ressuscitou, como havia dito. (...) Ide depressa dizer aos discípulos que Ele ressuscitou, Vos precede na Galiléia (...)"

Aos poucos, o pequeno círculo de luz foi se extinguindo.

Mas ele não era mais necessário. O menino havia compreendido tudo.



Não, a Igreja não estava morta. A Santa Igreja Católica Apostólica Romana é demasiadamente sublime para que um grupinho de apóstatas a venha destruir. E assim, como o dia sucede a noite, escorraçando para suas tocas todas as corujas e morcegos, assim também o sol iria novamente nascer para a Santa Igreja de Deus, e todos os seus inimigos seriam expulsos da face da terra. E o menino sabia que, sua missão era fazer tudo para que esse dia viesse o mais rápido possível.

Pensando nisso, o pequeno Thierry Martin guardou o círio e o grande missal, e, saindo da catedral e de Paris começou a se dirigir para oeste para essa Santa e guerreira Vandéia, que naquela manhã da Ressurreição, os próprios raios de sol pareciam querer alcançar.



NOSSA SENHORA DE COROMOTO

Nossa Senhora é venerada e honrada com diversos títulos pelo mundo afora. E é padroeira de muitos países, também com diversas denominações.

Assim, no Brasil A honramos como Nossa Senhora Aparecida; na Argentina como Nossa Senhora de Lujan; na Bolívia como Nossa Senhora de Copacabana. Na Venezuela A invocam como Nossa Senhora de Coromoto, e é a sua bela história que passaremos a contar em seguida.

A história de Nossa Senhora de Coromoto mostra, de um lado, que só não se salva quem não quer, e por outro lado, que a misericórdia de Nossa Senhora não tem medidas.

Corria o século XVII. Os espanhóis chegavam à Venezuela e com eles a Fé católica.

Ào aportarem naquela terra, uma tribo denominada os gopes fugiu para o interior para não aderir à Verdadeira Fé.

Passados uns anos esses gopes, viviam numa região vizinha de um lago, quando o cacique e sua mulher viram uma Belíssima

Senhora vir andando sobre as águas em sua direção. Era tal a magnitude d'Ela que eles se ajoelharam e Ela lhes disse que queria que eles recebessem a água batismal sobre a cabeça para se tornarem cristãos e alcançassem o céu e, para isso, que procurassem os espanhóis.

O cacique e a mulher ficaram felicíssimos com isso e se dispuseram a se tornarem católicos. Por aqueles dias, passou por lá um espanhol e eles lhe relataram o miraculoso fato, ele viu nisso os desígnios divinos e disse que, algum tempo depois, viria buscar toda a tribo para irem a suas terras. E assim fez.

Ali sua tribo começou a receber catequese, sendo que o espanhol instruiu os índios e sua esposa as índias. Além disso, a tribo trabalhava nas terras e morava em um local chamado "os coromotos", em pequenas casas de barro.

As coisas iam de vento em popa até que o demônio começou tentar o cacique, dizendo que antes ele era livre, agora não; dizendo que antes ele vivia contente nas selvas, induzindo-o a voltar para lá. O cacique cedeu às tentações e passou a

lamentar a aparição da "Bela Senhora" como A denominava.

Abandonou o catecismo e tencionava fugir para a selva. A tribo ficava desagradada com ele, mas ele não queria ouvir ninguém. Chegou o dia da natividade de Nossa Senhora, 8 de setembro, data marcada para o batismo dos índios. Chamaram o cacique para ser o primeiro a ser batizado, ele disse que iria no fim, mas não foi. Todos foram batizados, menos ele.

Ele fugiu para "os coromotos", decidido a voltar para a selva na manhã seguinte e, na sua casa, em voz alta, lastimava que a "Bela Senhora lhes aparecera". Na casa escura estavam seu filho e sua cunhada. Eis que a casa se ilumina. Entre seu quarto e cozinha aparece Nossa Senhora. O cacique salta de sua cama, onde estava, e pega seu arco e começa a atirar flechas na "Bela Senhora".

As flechas milagrosamente desviam dEla, mas o milagre mais o irrita.

Então, ele larga o arco e vai agredir Nossa Senhora, mas nessa hora a "Bela Senhora desaparece" e a casa fica em enorme escuridão.

A cunhada do índio pede que o filho dele vá buscar o espanhol. Nessa hora o cacique diz que tem a "Bela Senhora" em sua mão. Ao abri-la vê uma pedra com Nossa Senhora estampada nela e a casa volta a se iluminar. Outro milagre, mas nem isso dobra o índio que continua decidido a voltar à sua terra, para fugir da Fé,

Amanhece e ele ordena que a tribo parta, mas nesta hora uma cobra venenosa pica o pé do cacique e o fere mortalmente. Aí ele reconhece sua culpa e sabe que vai morrer.

Nesse momento, chega o espanhol e o índio pede o batismo. Ele reza o ato de contrição, arrepende-se de seus pecados e é batizado, em seguida, serenamente entrega a alma a Deus e parte para junto da "Bela Senhora", que com tanto amor e misericórdia o perseguira para que ele pertencesse à verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRDESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

O PRÓDIGO DE SÃO JOÃO

Eis aqui, transmitida à posteridade por São Clemente de Alexandria, uma das mais belas histórias que coroam a vida de São João Evangelista.

Em uma de suas viagens, que fez pouco antes de seu exílio na Ilha de Patmos, João tinha notado, no meio da multidão, um moço de nobres feições, mas cuja alma lhe pareceu mais nobre e mais bela ainda. Ele o chamou em particular, e o apresentou ao bispo:

"Eu vo-lo confio" – disse ele – "diante da Igreja e diante de Jesus Cristo. Deus conhece o depósito sagrado que eu entrego nas vossas mãos. É o tesouro do meu coração".

O bispo prometeu cuidar dele. Depois de ter renovado muitas vezes o seu pedido, João voltou para Éfeso

O bispo recebeu o moço em sua própria casa, ele mesmo o instruiu, dedicou-lhe uma ternura paternal e lhe conferiu, finalmente, a luz celeste do batismo. Julgou poder, em seguida, dispensar-se de sua vigilância anterior. Mas o moço, emancipado cedo demais, não tardou a se rodear de companheiros ociosos, atrevidos e dissolutos.

Arrastaram-no, primeiramente, a tomar parte nos festins e prazeres. Depois o levaram, de noite, quando iam despojar os passageiros; finalmente o fizeram cair em toda espécie de abominações.

Semelhante a um cavalo desenfreado, que sua fúria precipita no abismo, o moço desvairado não teve mais medida. Esquecido de Deus, desesperançado de sua salvação, fez de seus companheiros uma quadrilha de ladrões dos quais se tornou chefe. Emboscado na montanha, era o terror da região.

Entretanto o santo velho tendo voltado do exílio, não tardou em visitar a cidade onde o chamava a sua paterna afeição para com o jovem cristão. Desde que viu o bispo.

"Restitui-me o depósito que te confiei em nome de Jesus Cristo!".

O bispo, a princípio, admirou-se, pensando que se tratasse de algum depósito em dinheiro.

"O que eu reclamo é a alma do nosso irmão".

O bispo abaixou os olhos e chorou.

"Ai! Morreu".

"Como, e de que morte?".

"Morreu para Deus" continuou o bispo entre lágrimas. "Ele abandonou a Igreja... é, hoje, chefe de uma quadrilha de miseráveis como ele".

A estas palavras, João rasgou suas vestes, bateu na fronte e soltando grandes soluços:

"A que guarda confiei eu o meu irmão!... Imediatamente me tragam um cavalo, dêem-me um guia!".

Depois, deixando a assembleia, parte no mesmo instante. Apenas chegando ao lugar

designado, guardas se apossaram dele. Sem lhe pedir mercê:

"Levai-me logo a vosso chefe, é por ele que eu venho".

Mas, desde que apareceu o prisioneiro, reconheceu seu pai de outrora e, tomado de vergonha, fugiu a toda pressa.

João aperta seu cavalo, persegue-o e, com voz enternecedora:

"Ó meu filho! Meu filho! Por que foges de mim? Por que ter medo de teu pai, um homem desarmado, um velho? Tem pena de mim, meu filho. Não está tudo perdido para ti. E me constituirei teu fiador perante Jesus Cristo. Para te salvar, eu darei minha vida se for preciso. Pára, meu filho, pára. É Cristo que me envia!".

Vencido pelos soluços do santo velho, o moço pára. Conservou-se antes imóvel, com os olhos fixos no chão. Depois, atirando longe suas armas, pôs-se a tremer e a chorar amargamente. Caindo, finalmente, nos braços do Apóstolo, ele pedia perdão, com uma voz entrecortada de gemidos. Banhado com suas lágrimas, como se fosse um segundo batismo, conservava encoberta sob a túnica, a sua mão direita, manchada com tantos crimes. João agarrou essa mão, apesar de sua resistência, depois caindo de joelhos, ele a cobre de beijos:

"Ó meu filho, ela é purificada pelo teu arrependimento".

O moço foi reconduzido à assembleia dos santos. João rezava com ele, jejuava e fazia penitência. Com a sua palavra curou a alma dele, como por um encanto soberano. Não o deixou senão, depois de tê-lo ressuscitado, pela absolvição, e restituído à Igreja sua Mãe. (1)

(1) Nós tiramos esta narração da obra do Cônego Weber: O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo seguido pelos Atos dos Apóstolos. casa de Zech e Filhos Braine-le-Compte.

